

SÃO PAULO, SP, 24 DE SETEMBRO DE 1999

*Senhor Governador Mário Covas; Dona Lila; Ruth; Senhor Ministro, Doutor José Serra – doutor, no caso, em economia; Senhor Vice-Governador, Geraldo Alckmin; Dona Maria Lúcia; Governador Jaime Lerner, do Estado do Paraná; Prefeito Celso Pitta; Reitor Hélio Egídio Nogueira; Diretor-Presidente da Fundação Oswaldo Ramos; Professor Doutor Arthur Ribeiro; Senhores e Senhoras aqui presentes; doutores, médicos, amigos, pacientes,*

Enquanto o Doutor Arthur e os outros falavam, eu pensava o que dizer. Os que são, aqui, afeitos à vida política, como o Governador Covas, o Governador Jaime Lerner, o Prefeito Celso Pitta, o Presidente da Assembléia, Wanderley Macris, sabemos – o Geraldo Alckmin também – que a coisa mais difícil que há na vida política é o comício. Quanto mais a pessoa é importante na hierarquia política, mais difícil é, porque é a última a falar. Então, a gente fica o tempo todo vendo o que vai “roubar” de um, de outro, para formar um discurso. Bom, é o que eu faço.

E eu não podia dizer, não posso nem repetir o que repetiu o Governador Mário Covas. Ele disse que está aqui como uma pessoa que aju-

dou, desde Prefeito, o hospital. Ajudei muito menos que ele. E ele sempre falou, dizendo que o Governo Federal não deu tanto quanto devia, para o hospital.

Mas eu levo uma vantagem sobre ele. É pequeníssima. Não sei se isso é vantagem: sou paciente. Sou paciente duplamente. Tenho muita paciência, mas sou também paciente deste hospital. Amanhã, estarei aqui sendo perfurado. E aí é meu orgulho junto ao Doutor Arthur Ribeiro e aos colaboradores dele: nunca conseguiram, até agora – vamos bater na madeira – me agarrar mais do que três horas no *check-up*, porque tenho passado, de maneira mais ou menos imune, pelas várias tentativas que eles fazem de descobrir qualquer coisa que os leve, enfim, a terem que cuidar com mais atenção de mim.

Então, como paciente, quero, em primeiro lugar, agradecer o carinho que sempre recebi aqui. Antes, quando ia a outras dependências da Escola Paulista de Medicina, sempre fui tratado de uma maneira extremamente simpática e calorosa.

Não pode haver uma manifestação mais expressiva para quem dirige um hospital ou para os médicos dele do que sentir, naqueles que usam o hospital, esse tipo de reconhecimento. E, efetivamente, aqui as pessoas são tratadas com carinho.

Já se explicou a razão do hospital, as dificuldades, os êxitos do hospital. Tudo isso conta muito. Mas, realmente, a grande vantagem que temos, em São Paulo, e estamos estendendo a outras áreas do Brasil também, é o fato de que, crescentemente, a nossa medicina é exercida por profissionais de altíssima competência e de grande qualificação. E entre as qualificações essenciais, não só do médico, da enfermeira, do atendente, dos técnicos, de todos que compõem o hospital, está também prestar atenção ao paciente.

Ainda há pouco visitávamos aí acima duas crianças que tinham feito um transplante de rim. Observei depois, quando estávamos já saindo, a enfermeira que estava ali, o modo como ela se dirigia àquelas crianças, mostrando uma dedicação, uma intimidade com elas. Isso demonstra, exatamente, que a medicina supõe uma relação humana. Além de supor muito conhecimento e tecnologia, supõe também uma relação humana. Devemos nos orgulhar disso.

Tenho visto recentemente – vejo sempre – dados sobre o desenvolvimento das várias disciplinas, da ciência, das várias artes do Brasil e tudo o mais. E é surpreendente olhar – já não é nem mais surpreendente de ver – nas comparações internacionais como temos avançado e como existem, realmente, núcleos da medicina brasileira que não devem nada a nenhum outro núcleo do mundo. E este é um deles.

Aqui, estamos num hospital, numa universidade que em comparação com outras áreas de desenvolvimento científico e de medicina não deve muito, não tem muito o que aprender. Nunca se deve dizer que não tem muito o que aprender, porque todos nós temos, sempre, muito o que aprender. Mas, de qualquer maneira, para que se possa aprender é preciso saber alguma coisa, estar preparado. Aqui, certamente, as pessoas estão preparadas.

Esse é o traço de incentivo mais importante dos progressos realizados pela medicina brasileira nas nossas universidades. Não é só na Universidade Federal de São Paulo – eu sou da USP, não posso deixar de fazer uma referência à Faculdade de Medicina da USP. Há outras mais, há muitas no Brasil. Isso é algo que, realmente, nos deixa cheios de orgulho.

Esta manhã, eu estava no Rio de Janeiro. Fui lá para uma cerimônia de assinatura de contratos de exploração de petróleo. O Governador Lerner me deu a honra da companhia. O Governador Mário Covas não pôde ir, embora o petróleo seja da bacia de Santos. Mas, também, quem vai ganhar é o Rio, porque inventaram que é de Santos mas está em frente ao Rio de Janeiro. De qualquer forma, estávamos conversando sobre a questão dos avanços havidos no petróleo e eu disse o seguinte: hoje, se nós, brasileiros, podemos olhar para os desafios do século XXI, desse mundo contemporâneo, nessa globalização e essa coisa toda com uma certa confiança é porque dispomos de gente competente.

Assim como aqui se faz transplante e há uma medicina avançada, somos capazes de perfurar as águas profundas. Este último poço de petróleo descoberto está a 1.700 metros abaixo do nível do mar, dentro d'água. Vamos furar mais 2 mil, 3 mil, sei lá quantos metros para chegar até o petróleo. Isso é uma tecnologia altamente desenvolvida. Isso per-

mite que o Brasil, hoje, olhe para frente com confiança. É o fato de termos gente competente. Isso vale, e vale muito, aqui na medicina.

Não quero, com isso, deixar de tomar ao pé da letra o que disse o Ministro José Serra, que tem se mostrado um excelente Ministro da Saúde, porque tem essa competência também de se apropriar das informações e dominá-las. Quando eu disse que ele era doutor em Economia e não médico, foi porque, apesar disso, hoje, ele conseguiu, realmente, ter o domínio sobre os problemas da medicina, os problemas da saúde, que é o que permite que a gente tenha a confiança de que as coisas vão avançar.

Não vou repetir números, o Ministro Serra já os disse, com muita precisão. Nessa área, o nosso grande esforço tem sido não apenas o da medicina de tecnologia complexa nos hospitais – e estamos em um deles –, mas sobretudo, na prevenção. Nas áreas mais pobres do Brasil, às vezes, coisas muito simples, como a existência do Programa Qualis, são vitais. Há programas semelhantes em todo o Brasil. E se há alguma coisa de que nos orgulhamos é o fato de que, há quatro anos, tínhamos cerca de 28 mil agentes comunitários de saúde e estamos nos aproximando dos 100 mil agentes comunitários de saúde. Solução simples. Há médicos de família, agentes comunitários de saúde. Isso permite uma transformação muito grande da condição de vida das populações mais pobres do Brasil.

Nós, que vivemos no Rio, em São Paulo, em Brasília, talvez não percebamos a revolução silenciosa. Tenho usado esse termo para caracterizar o que estamos tentando fazer no Brasil, e com êxito, em muitas partes: na educação, na saúde, na reforma agrária, na compreensão dos problemas sociais. É uma revolução silenciosa. Não se vê o efeito de imediato. Mas temos cem mil agentes comunitários de saúde e milhares de médicos de família atuando nas zonas mais pobres do Brasil. Há algumas experiências cubanas que estão sendo feitas aqui. Aliás, há muitos médicos cubanos trabalhando nessas regiões mais pobres do Brasil também. Isso vai permitindo que a situação geral da saúde pública melhore.

Eu não poderia deixar de dizer, antes de finalizar, de fazer referência a fatos que são mais contemporâneos e menos auspiciosos. Todos sabemos

da luta imensa que existe hoje em muitos hospitais que integram o SUS para a obtenção de melhores condições de trabalho. Ainda ontem, em Brasília, houve manifestações no Congresso a favor de um projeto de emenda constitucional para permitir que haja uma maior margem de recursos para a saúde, juntando recursos estaduais, municipais e federais.

É importante que se entenda que só se vai, efetivamente, avançar mais nessa área se fizermos uma convergência de esforços – aqui é um exemplo – entre a União, o estado e o município. Sei que é difícil. Não quero cansá-los com os números, mas só para o SUS precisamos de 8 bilhões de reais por ano. Então, quando se pede, quando se vai dar um aumento de 10%, são 800 milhões. Se for de 20%, 1 bilhão e 600. Se for de 40%, são 3 bilhões e 200. Quer dizer, é muito dinheiro. E é pouco. E é preciso fazer mais. Essa espécie de armadilha em que, nessas áreas de saúde, nós nos encontramos é muito difícil. Porque é isso: tudo que se pede é pouco diante das necessidades e é muitíssimo, muito mais do que o disponível. E do disponível, no caso do Governo Federal, nos gastos correntes do Governo, 50% são para a saúde. O gasto corrente do Governo Federal é de 40 bilhões, mais ou menos. E o orçamento do Ministério da Saúde é de 20 bilhões de reais.

Portanto, o esforço é grande. Então, esse é o problema que temos no Brasil: como superar essas dificuldades em que todos têm razão e não se pode dar solução. Tem razão quem pede. Tem razão quem diz: “Olha, eu não tenho.” E tem razão a população, sobretudo, que precisa de mais, precisa de atendimento.

Termino dizendo que para podermos melhorar esse impasse, essa dificuldade é que nós precisamos, então, de mais devoção, mais dedicação. Por isso, comecei dizendo que aqui, além de ser um centro de excelência, é um centro de devoção. E ao dizer isso, quero – vou personalizar o Doutor Arthur Ribeiro, mas peço que se estenda a todos os que são seus colegas, colaboradores, aqui, ao diretor da Fundação Oswaldo Ramos, a todos, a todos eles – dizer o seguinte: os que conhecemos o Doutor Arthur Ribeiro, e há tantos anos, sabemos que ele, além de tudo, é um ser humano excepcional. É um ser solidário. É um homem que, muito antes de a gente pedir alguma coisa no que diz

respeito à questão da saúde, seja a própria, seja a dos outros, ele já está se antecipando e fazendo. Sei que isso não é uma virtude isolada. Isso é compartilhado por muitos do que aqui estão.

Então, vim aqui para agradecer-lhes, para dar o testemunho do nosso empenho em que as coisas avancem, com todas as dificuldades. E reiterar a minha confiança de que um país que tem gente com a qualidade da medicina brasileira, no seu conjunto, é um país que pode olhar para o futuro com confiança.

Muito obrigado.